

ALEXANDRA MESQUITA

Nasceu em Lisboa, 1969.
Licenciada em Pintura pela Faculdade de Belas Artes da
Universidade de Lisboa, 1994.

Capa: "Amor matemático com erro de cálculo", 2011, técnica mista sobre papel, 130x130 cm | Fotografia: Estudos RS

Exposições Individuais

2011 **Soluções Comprometidas**, Galeria Arte Periférica, Lisboa; **Livros Vivos**, Livraria Babel, Lisboa.
2010 **Artigos Procurados**, Galeria Arte Periférica, Lisboa. 2009 **Escrita Inventada**, Galeria Arte Periférica, Lisboa. 2008 **Corações com Mau Feitio**, Galeria Arte Periférica, Lisboa. 2006 **Escrita Habitada**, Galeria Arte Periférica, Lisboa. 2005 **Pronto a servir de cérebros**, Galeria Arte Periférica, Lisboa. 2003. **Objectos com Pequenos Problemas Existenciais**, Galeria Arte Periférica, Lisboa. 2002 **Escrita Irrequieta**, Galeria Arte Periférica, Lisboa. 2000 **Escrita que se fia**, Galeria Arte Periférica, Lisboa. 1999 **Escrita Arrepiada**, Galeria Arte Periférica, Lisboa. 1997 **Instalação**, Galeria Arte Periférica, Lisboa. 1993 **Pintura/Desenho**, Galeria Arte Periférica, Lisboa; **Pintura/Desenho** Galeria Clube 50, Lisboa.

Exposições Colectivas

2010 **Pieces and parts**, Plataforma revolver, Lisboa; **Século XXI - Anos 10**, Centro de Arte Manuel de Brito, Algés. 2008 **100 artistas à volta do papel**, Centro de Arte Manuel de Brito, Algés; **Colectiva** Loja Bric, Porto; **Caligrafias – Uma realidade inquieta**, Fundação Portuguesa das Comunicações, Lisboa; **Caligrafias: um espaço, um limiar**, Museu Francisco Tavares Proença, Castelo Branco. Desde 2002 a 2010 **Arte Lisboa**, Stand Arte Periférica, Lisboa. De 1995 a 2004 **ARCO**, Stand Arte Periférica, Madrid. 2001 **8 Pintoras Portuguesas – Deusas, Madonas, Feiticeiras**, Fundação Bissaya-Barreto, Coimbra. 2000 **Novíssima**, Galeria Quatro Dezassete, Madrid. **Marca Madeira**, Stand Arte Periférica, Funchal. 1998 **A8**, Museu João Fragoso, Caldas da Rainha. 1995 **Bienal do Atlântico**, Stand Arte Periférica, Santiago de Compostela. 1992 **A cada dia que passa**, Museu de Loures; **Art Jonction 94**, Stand Arte Periférica, Cannes; **Gravura da Faculdade de Belas Artes**, Centro da Malaposta, Loures. Artes e Humanidades – Faculdade de Letras, Lisboa; **Salão Primavera** – Casino Estoril, Estoril.

Publicações

Maria João Fernandes, **Caligrafias, a nascente dos nomes**, Fundação Portuguesa de Comunicações, Lisboa, 2008.

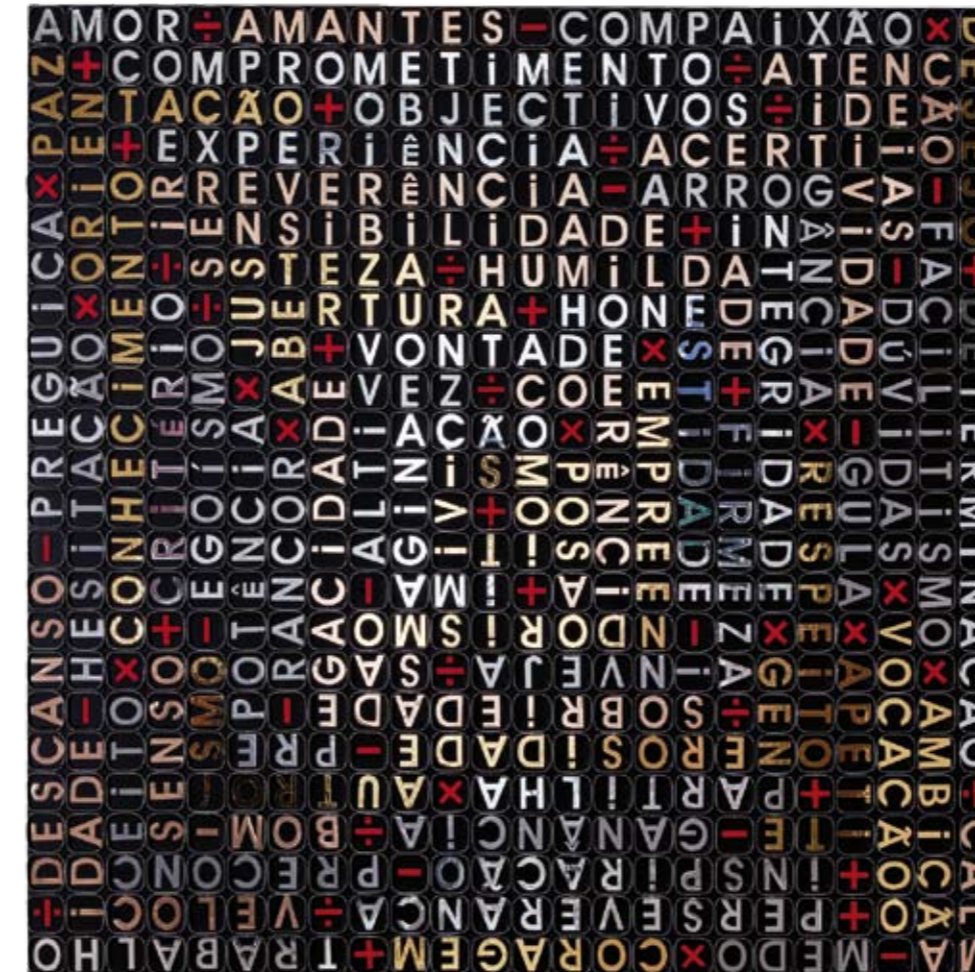
Centro Cultural de Belém, Loja 3 - 149-003 Lisboa • Tel.: 213 617 100 • Fax: 213 617 101
ap@arteperiferica.pt • www.arteperiferica.pt • Todos os dias das 10h00 às 20h00

arteperiférica
GALERIA

ALEXANDRA MESQUITA

SOLUÇÕES COMPROMETIDAS

23 de Março a 28 de Abril de 2011



“Dói não amar”, 2010, técnica mista sobre papel, 130x130 cm

Nesta exposição, apresento algumas soluções nas quais depositámos grande confiança, e que actualmente estão a ser postas em causa, quer por terem demonstrado as suas falhas, quer por exibirem a sua inoperância.

No nosso sistema molecular, estamos organizados segundo uma estrutura de DNA, que nos distingue uns dos outros. Esta estrutura assegura uma individualização, mas também cria um afastamento, que compromete o amor entre as pessoas. Falar de um DNA essencial que nos explica é aqui falar de um vazio. Também existe o lado extremado, o não se conseguir amar. Não se conseguir sentir, justamente por se sentir demais, ou não se sentir de todo. Por isso, apresento aqui o “DÓI NÃO AMAR”, ou seja, o nosso DNA.

“AMOR MATEMÁTICO COM ERRO DE CÁLCULO” põe em evidência as falhas existentes no amor. Por mais cálculos que se possa fazer em prol do equilíbrio dos nossos sentimentos mais essenciais, cedo percebemos que facilmente dá erro. Sentir é difícil, sendo também impossível tentar fugir-lhe.

Queremos ter tudo, temos a fobia da acumulação. Foi com base nesta ideia que ganhou forma a “TEIA QUE NOS PRENDE SEM NOS SUSTER”. Uma teia de aranha que nos envolve e aprisiona. A realidade está, toda ela, implicada na economia, e a solução que punha o dinheiro acima de tudo está, a todos os níveis, comprometida. A segurança da moeda, qualquer que ela seja, é já uma miragem. Deste modo, os euros são em simultâneo zeros.

“O GRANDE SEMPRE PEQUENO” sugere que, numa relação sempre comparativa, nunca estamos satisfeitos ao ponto de julgarmos algo como suficientemente grande. De facto, tudo é antes de mais demasiadamente pequeno quando comparado com as nossas expectativas exigentes.

Lemos num trabalho, “QUERO VER MAIS PORTAS QUE PAREDES”, porque temos tendência para construir estruturas apoiadas em paredes sólidas, mas esquecemo-nos de colocar aberturas suficientes para uma saída. Desta forma, manifesto esta reedificação para não correr o risco de ficar bloqueada a olhar para uma parede vazia sem encontrar uma via para fazer circular as ideias ou as emoções diárias.

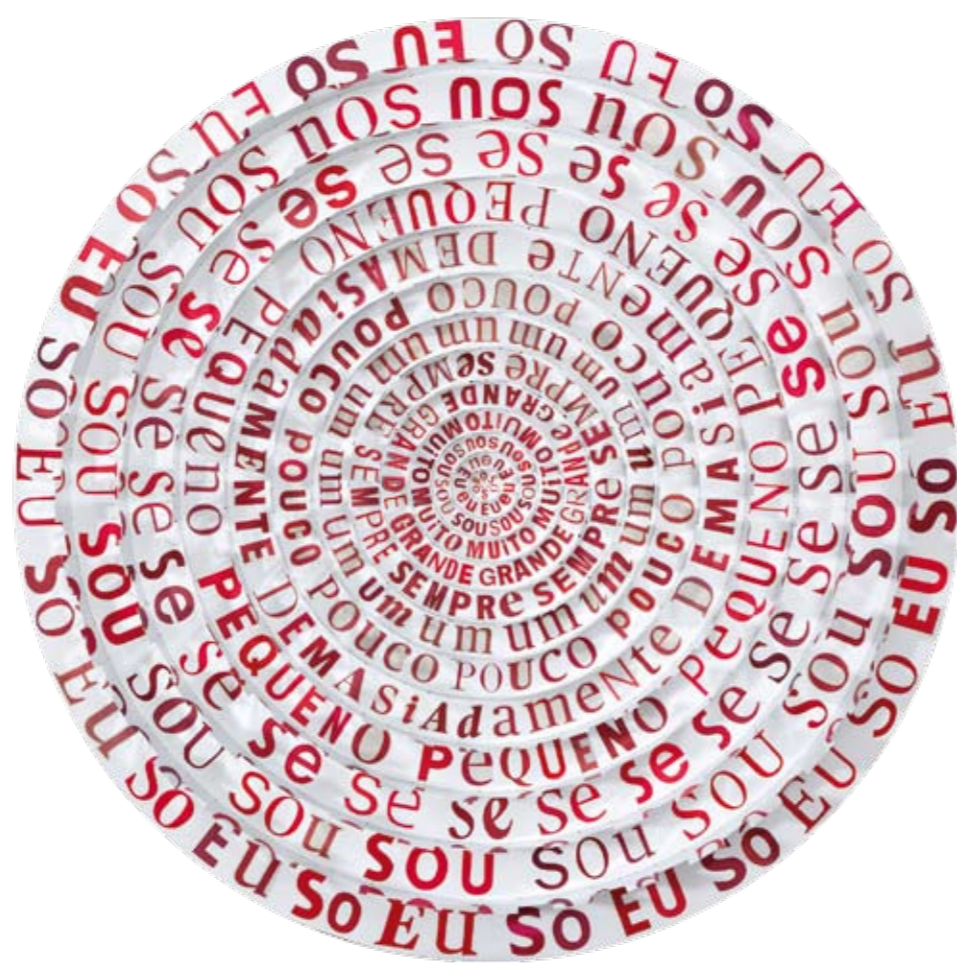
Precisamos de algo que nos equilibre e mantenha sãos. Mas, no fundo, nunca sabemos se essa substância medicamentosa nos vai apenas beneficiar, ou se é igualmente uma ameaça, devido às contra-indicações que estão sempre associadas à sua toma. O remédio é um todo, e, se traz benefícios, também pode causar-nos um outro mal do qual não padecemos antes. Deste modo, qualquer indivíduo está sujeito a “SER SÃO SEM TER CURA SÃ”.

Disponibilizo ainda uma máquina de lavar, que se apresenta como um “LOCAL ESPECIAL PARA LIMPAR A VISTA”. Aqui, apercebemo-nos de que, se admitimos que temos algo para limpar, é porque existe algo que não está limpo. Somos permanentemente afectados por um acumular de uma espécie de lixo visual, através de um constante e diário bombardeamento imagético, que naturalmente afecta a nossa futura percepção do que nos envolve. Assim, teremos que fazer algo para ficarmos imunes ao poder que todas as imagens que nos rodeiam podem ter sobre nós.

Alexandra Mesquita, 1 de Março de 2011



“Rede que nos prende sem sustar”, 2010, técnica mista sobre papel, 130x130 cm



“O grande sempre pequeno”, 2010, técnica mista sobre papel, 130x130 cm



“Quero ver mais portas que paredes”, 2010, técnica mista sobre papel, 130x130 cm



“Local Especial para lavar a vista”, 2011, técnica mista sobre papel, 130x130 cm